

Exercício

Segundo Jesus Cristo, “do coração saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicações, os furtos, os falsos testemunhos, as palavras injuriosas, as avarezas, as perversidades, as fraudes, as libertinagens, a inveja, a maledicência, a soberba, a loucura. Todos esses males vêm de dentro, e contaminam o homem.” (Mateus, 15,19; Marcos, 7, 22-24).

A partir dessa afirmação – que a nós todos, creio, parece verdadeira – quero, hoje, propor um exercício.

Imaginem que, já na primeira República, tivéssemos ao nosso alcance recursos tais como vídeos, gravações e celulares. Vocês acreditam que teria sobrado alguma coisa do marechal Floriano, de Pinheiro Machado, Hermes da Fonseca, Borges de Medeiros, Artur Bernardes, Washington Luis? Melhor dizendo: vocês acreditam que teria sobrado alguma coisa das instituições?

Podemos, portanto, afirmar: as instituições só estão aí porque, não sendo o chefe de polícia divino, não tem o poder de sondar as mentes e os corações. Sob o ponto de vista da segurança, os fundamentos invocados para a escuta telefônica são os mesmos invocados para a prática da tortura.

Logo, o que vou dizer agora não é nenhuma novidade, mas faz parte da nossa tradição liberal: até mesmo os bandidos têm direito à intimidade.

Outra coisa, que parece esquecida: o stalinismo foi o que foi porque em cada garçon, em cada motorista, estava escondido um espião, e em cada mesa estava oculto um microfone.

Na cabeça e no coração de cada homem pode haver coisas boas e coisas ruins. E, querendo, ele as pode transmitir às pessoas da sua confiança, mesmo que seja para arquitetar perfídias.

Porque, minha gente, na democracia o direito penal não se confunde com a moral, e crime é apenas o que está previsto, escrito, definido e tipificado na lei, além de concretizado nos fatos. Só aos fundamentalismos agrada fazer guerras preventivas, e só os totalitarismos pretendem um domínio absoluto

sobre todas as manifestações de vida. O que distingue a democracia da tirania é que só a tirania quer suprimir os crimes mediante a supressão prévia das liberdades.

Essa é a alternativa que a história nos apresenta: democracia ou tirania. Em toda sociedade, assim como em todo regime, há crimes. Preferimos a democracia porque, para o florescimento das virtudes, ela nos parece melhor do que a tirania.

Quem sabe o erro principal não esteja ali onde supusemos, mas no fato de que pessoas despreparadas tenham assumido o poder divino de sondar os corações e punir as intenções.